

## **Caminhos da Reportagem o jornalismo e seus bastidores**

### **Comentários**

A diferença que faz o olhar

Caminhos da Reportagem é um saboroso tráfegar por algumas das características mais essenciais do jornalismo. Curiosidade, persistência, humildade e sensibilidade estão traduzidas em suas páginas, nas quinze reportagens que compõem a obra e nos relatos que as acompanham, descrevendo os bastidores da notícia. Unidos pela paixão de descobrir e revelar, os repórteres Rogério Borges, Deire Assis e Vinícius Sassine – profissionais de alta qualidade dos quadros do jornal O Popular – conseguem, com este livro, satisfazer outros curiosos que sempre tiveram vontade de saber como é produzida uma notícia.

Além de desfrutar a coletânea de algumas das melhores reportagens do jornal, o leitor é guiado para percorrer com os autores os passos da sua execução, descobrindo como surge a ideia, as dificuldades para realizá-la, os imprevistos, os lances de sorte e a repercussão final do trabalho depois de publicado. Neste caminho surgem magníficas histórias, algumas hilariantes outras dramáticas, que mostram o quanto sentimentos tão paradoxais como dor e prazer são frequentes no cotidiano do jornalista.

"Comecei a redigir a mais marcante reportagem de minha vida num bloco já meio encardido, num final de tarde que nunca sairá de minha retina", conta Rogério Borges, lembrando a emoção dos dias enfiados no mato, em Minas Gerais, em busca de personagens, causos e paisagens para ilustrar o caderno sobre os 50 anos da publicação de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. O bloco de anotações encardido, enebado de suor e poeira, já dá pistas importantes da qualidade desta reportagem de Rogério. Confidentes fieis e inseparáveis dos repórteres, os blocos costumam guardar conteúdos memoráveis quando se misturam à terra, às origens, ao povo, como nesse trabalho genial sobre Guimarães Rosa.

"Em 1975 eu tinha 3 anos e minha irmã, Denise, 9. Assim como a menina Jéssica, cuja história foi contada na reportagem, ela foi atropelada e morta por um motorista de táxi numa manhã de março. Usava um vestido vermelho. Morreu na calçada." Com estas frases, Deire Assis encerra um relato emocionante de como uma pauta pode ser ao mesmo tempo dolorosa e gratificante. Ao cumprir a tarefa de localizar 74 parentes de vítimas do trânsito, reunir suas fotos e ouvir os depoimentos saudosos de familiares, revolveu os cacos de sua própria tragédia familiar. Sofreu, perdeu noites de sono, chorou escondido no banheiro da redação, mas sentiu-se recompensada pelo resultado de tão grave denúncia.

"Nunca havia me deparado com dificuldades tão grandes para recontar uma história. O silêncio era um poderoso inimigo, mas também um mecanismo de defesa dessas meninas. Cabia a mim respeitá-lo, sob o risco de submeter essas vítimas a antigos traumas..." Aqui, ao contar como foi a elaboração da reportagem Trabalho infantil abre portas para abuso sexual, Vinícius Jorge Sassine dá uma mostra dos dilemas a que se submete um jornalista. Em busca de informações que pudessem revelar a dupla exploração de meninas no ambiente inviolável das residências, o repórter se depara com o silêncio, com a dor, com o trauma e com a

necessidade de evitar maiores sofrimentos às suas fontes, ao mesmo tempo que é obrigado a remexer o passado para construir sua denúncia.

Saídas possíveis para situações embaraçosas assim, além de várias outras lições do bom jornalismo, são apresentadas em *Caminhos da Reportagem*, um livro que se faz ainda mais rico pela diversidade de temas que aborda, percorrendo assuntos culturais, científicos, policiais, de educação, de saúde e comportamento. Começa com a história de um boi, contada sob o ponto de vista do próprio animal, e termina com a de um homem de braço quebrado procurando atendimento médico. Mostra os caminhos de reportagens de fôlego, que consumiram semanas de investigação, mas também de uma pauta simples, redigida em 50 minutos numa sala improvisada e barulhenta, com resultados inimagináveis. É ler para crer.

Quem se interessa pelos bastidores do jornalismo, estudante ou profissional de qualquer área, vai certamente se deliciar com as revelações de Rogério, Deire e Vinicius. As surpresas começam já na elaboração da pauta, uma curiosidade comum a muitos leitores de jornais. Como terá nascido a ideia de concorrer ao vestibular em várias universidades particulares, chutando as respostas para mostrar as falhas do processo de seleção? De onde surgiu a proposta de mostrar a alma da rodovia, contando as histórias de quem vive anonimamente às suas margens? Por que encher a capa do jornal com fotografias de mortos no trânsito?

É então que o leitor descobre a diferença que faz o olhar sensível, atento ao "invisível". Donos desse talento, os três jornalistas mostram que uma brilhante reportagem pode bater à porta da redação, surgir da conversa com um motorista, de uma pergunta sem resposta, de uma simples palestra, de um inexplicável estalo. Não há pauta comum, não há assunto velho, não existe tema explorado demasiadamente. Tudo depende do olhar.

--

"Viver é perigoso", já dizia Riobaldo, o imortal jagunço letrado de Guimarães Rosa, o homem das andanças do Grande Sertão: Veredas, personagem de muitas histórias, incluindo esta, que começa agora. Aqui está Riobaldo, como também está seu Ladu, lá do sertão mineiro, está Juliane, o "homem invisível", estão adolescentes marcados para morrer, crianças prostituídas. Aqui estão muitas vidas plenas e interrompidas, muitos sonhos partidos e realizados. Tudo isso porque aqui há jornalismo. Jornalismo feito com paixão, dedicação, erros e acertos. Jornalismo que é mais do que uma mera profissão, que é vocação, desejo de melhorar a vida de alguém, vontade de descobrir o que está oculto, afã de compreender outros universos que não os mais convencionais, como o do crime e o da poesia. E onde mais crime e poesia podem ter um encontro marcado senão nas páginas de um jornal? Talvez nas páginas de um livro de reportagens.

*Caminhos da Reportagem* é o resultado de um esforço coletivo de três profissionais que não enxergam em um trabalho jornalístico o simples cumprimento de uma pauta. Há aqui muito mais que isso. Há o projeto de não deixar que certos assuntos caiam no esquecimento, se

tornem meras peças de arquivo. Este livro quer estimular a reflexão dos temas abordados, em vários níveis. O leitor vai encontrar informações sobre violências cometidas contra a infância, contra o meio ambiente e no trânsito e se surpreenderá com o que pode ocorrer em lugares tão distintos, que vão de um campo de futebol de várzea ao pronto-socorro de um hospital lotado. Para quem já tem algum envolvimento com o jornalismo, haverá testemunhos e relatos das engrenagens que fazem funcionar um jornal de maior porte, com suas pautas inesperadas, suas grandes coberturas, seus debates que são essenciais para a sociedade.

Trata-se de um livro que tem como principais objetivos democratizar informações e servir de apoio a quem tem interesse por começar ou se aperfeiçoar no campo do jornalismo. Todas as reportagens publicadas aqui foram primeiramente veiculadas em O Popular, jornal que integra a Organização Jaime Câmara (OJC), de Goiânia. São trabalhos realizados entre 2004 e 2008. As fotografias que ilustram os textos também fazem parte originalmente do acervo do jornal e foram cedidas pelos autores para uso nesta obra. Houve a cessão, também, por parte da OJC, de todo material jornalístico reproduzido no livro, o que viabilizou a concretização deste projeto.

A obra, trabalho pioneiro em Goiás, estabelece um elo entre o mercado e a academia, muitas vezes tão distantes. Ela também promove uma ligação entre o repórter e o leitor, proporcionando uma comunicação mais estreita entre os dois. Foram produzidos textos que revelam os bastidores da apuração e da redação das matérias selecionadas, salientando as escolhas feitas quanto ao enfoque dado em cada situação, o trabalho árduo de se buscar dados exclusivos em reportagens de cunho investigativo e científico, a linguagem que foge aos padrões tradicionais de um produto jornalístico. As reportagens que compõem este volume envolvem uma ampla gama de assuntos, com diferentes formas de abordagem e construção do texto, abarcando temas de relevância social.

Contribuiu para esta variedade de temas o fato de os três autores serem jornalistas que atuam em áreas de cobertura distintas. Deire Assis, jornalista reconhecida com prêmios nacionais por suas reportagens de trânsito, assina duas matérias sobre o tema. Ao falar de jovens mutilados por acidentes e de pessoas mortas nas ruas de Goiânia, a repórter dá rosto a histórias de perda e destruição. Fica clara sua capacidade de abordar assuntos delicados com grande sensibilidade. É de sua autoria a reportagem que encerra esta obra, em que é narrada a saga de Juliane, o "homem invisível", oleiro do interior de Goiás que, com o braço quebrado, passou mais de 40 dias em busca de atendimento médico em hospitais públicos do Estado. A jornalista participou ainda da cobertura sobre a maior invasão urbana da história de Goiânia. A matéria que está no livro revelou, em primeira mão, o comércio ilegal de lotes no Parque Oeste Industrial, cuja desocupação terminou em confronto e morte.

Um dos textos da obra é assinado em conjunto por Deire Assis e por Vinicius Jorge Sassine, ambos repórteres da editoria de Cidades do jornal O Popular. Trata-se da cobertura da queda do Boeing da Gol em 2006, que matou 154 pessoas. Os dois jornalistas contaram quem eram alguns dos passageiros que morreram no acidente. Vinicius é autor de outras cinco reportagens do livro, quatro delas premiadas regional e nacionalmente. Repórter com aguçado faro investigativo, nas duas coberturas mais extensas da obra, o jornalista revela o submundo

da exploração sexual de crianças em Goiás e a execução de jovens infratores pela polícia. No campo do jornalismo científico, uma de suas reportagens trouxe elementos inéditos para a discussão sobre os efeitos deixados pelo acidente com o césio 137, em Goiânia, 20 anos depois da tragédia. Ainda nesta área, o repórter apurou os impactos do aquecimento global no Centro-Oeste brasileiro, com enfoque especial para o Cerrado. O jornalista também voltou a ser vestibulando por uma semana para mostrar as falhas dos sistemas de admissão de alunos em várias faculdades particulares.

Repórter do caderno de cultura do jornal O Popular, Rogério Borges é autor dos textos que mais mesclam jornalismo e literatura no livro, reflexo direto de sua predileção por um estilo que o levou a pesquisar sobre o tema em nível acadêmico. Um deles é o que foi publicado em forma de caderno especial, sobre os 50 anos do lançamento do livro Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Para realizar este trabalho, o jornalista embarcou em uma viagem de dois mil quilômetros ao sertão mineiro atrás de locais e personagens que pudessem representar o imaginário deste clássico da literatura brasileira. Também foi por meio de viagens que o repórter descobriu histórias e curiosidades que estão à margem da rodovia que liga Goiânia a Brasília.

Em Olhos D'Água, no Entorno do Distrito Federal, o jornalista relatou como o espírito do interior ainda está preservado em uma tradicional feira de trocas. Lá, ele entrevistou João Baiano, o benzedor mais famoso da região. Como responsável pela cobertura da área de literatura do jornal O Popular, Rogério mantém contato mais estreito com escritores, o que lhe proporcionou uma experiência inesquecível com Ariano Suassuna, também relatada na obra. A reportagem inicial do livro traz esta influência da literatura para o texto informativo, em que a anunciada morte de um animal ganha contornos inesperados.

O boi Jurico abre o livro e o absurdo caso do "homem invisível" Juliane fecha a coletânea de reportagens. Esta ordem não é aleatória. Os três autores acreditam que as matérias são representativas do que o jornalismo pode encontrar em seu caminho. Num momento, salva-se um boi como se fosse uma pessoa. No momento seguinte, animalizam um ser humano. A arte do jornalismo é feita dessas contradições, dessas surpresas. Tudo isso está nos caminhos da reportagem.